



# HISTÓRIA LOCAL E COMUNIDADE: O EXERCÍCIO DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Luís Reznik

## 1. Introdução

Alguém já afirmou que, na Universidade, o que não são atividades de pesquisa ou de ensino, configuram atividades de extensão. À primeira vista, a afirmação parecer desmerecer o seu último componente, relegando esta atividade a uma expressão menor do fazer docente. No entanto, no contexto em que foi dito, visava justamente apontar o crescimento, nos últimos anos, da ponta dessa tríade emblemática da Universidade.

Ensino, pesquisa, extensão. Dependendo da pontuação e dos conectivos, entre essas três palavras, estaremos “fazendo” coisas distintas (AUSTIN, 1990). Há consenso, hoje, nos meios universitários, sobre a não dissociação, no fazer docente, entre o ensino e a pesquisa, de tal maneira que a expressão dessa(s) atividade(s) deve vir hifenizada (ensino-pesquisa). O projeto/programa que problematizamos neste trabalho apresenta uma outra “fórmula”: os três componentes caminham em uma mesma direção, unindo ensino, pesquisa, extensão, em “um fluxo contínuo de produção de conhecimento, formação profissional, atividade acadêmica e interface sociedade-universidade” (SOARES, 2001, p. 16).

Lecionando no curso de Licenciatura de História, na Faculdade de Formação de Professores, em São Gonçalo, encontramos nossa inspiração ali mesmo: jovens estudantes de História, moradores de São Gonçalo e futuros professores em suas escolas de ensino fundamental e médio. Na formação para o ofício do historiador, experimentada compulsoriamente pela monografia de final de curso, a vontade de narrar, explicar, rememorar, esquadrihar aquele espaço social, local de suas vivências e memórias afetivas. Desejo quase inacessível, difícil caminho de lidar com registros dispersos, silenciados por uma identidade difusa, sufocada pela proximidade com duas cidades capitais: Niterói e Rio de Janeiro. Estranho destino das localidades satélites, que cresceram à sombra de gigantes e são por eles encantadas e obscurecidas.

Visões contraditórias, entre o feio e o idílico, entre a depreciação e o ufanismo ingênuo, entre o desejo do exílio e a afirmação desesperada do localismo, permeiam essa identidade. Identidade esmaecida, assegurada e vivificada, em grande parte, pelo poder público instituído. Nessa frágil cumplicidade entre cidadãos e Estado local, ganha centralidade as rotinas do poder executivo municipal, em particular a escola municipal e a disciplina História do Município como instância socializadora da criança na comunidade circundante.

Mais do que um projeto, configurou-se, então, um programa de ação: envolver alunos, professores e comunidade gonçalense na construção de Histórias daquele local.

## 2. Histórico

Nossa atividade inaugural foi elaborar um guia de fontes (GONÇALVES e REZNIK, 1999), visando assim realizar um primeiro levantamento e identificação de fontes documentais referentes à história gonçalense. Desejávamos elaborar um instrumento que viesse a estimular a prática da investigação histórica entre alunos e pesquisadores em geral. A elaboração desse instrumento nos levou a inúmeros acervos históricos, alguns já bastante freqüentados pelos historiadores, outros quase virgens, como, por exemplo os acervos locais da Prefeitura, Câmara de Vereadores, Associação Comercial.

Levantar esse material, organizá-lo em um suporte passível de divulgação para toda a comunidade acadêmica e extra-acadêmica; representou retirá-lo do silêncio e do esquecimento, abrindo caminho para a multiplicação de narrativas. Por outro lado, num jogo curioso, foi com muito prazer que verificamos ter estimulado, em algumas instituições, um maior cuidado com o seu próprio acervo, no sentido de vivificá-lo (em nítido contraste com a concepção de “arquivo morto”). Hoje em dia, a partir dessa experiência estamos dialogando com a Prefeitura a organização de um Arquivo Público Municipal que reuna os diversos acervos históricos da região, em particular os relacionados aos poderes públicos.

Ao visitarmos, com a finalidade de relacionar seus acervos, entre 1996 e 1997, iniciamos uma profícua interlocução com instituições as mais variadas, entre elas: Prefeitura Municipal de São Gonçalo, Câmara de Vereadores de São Gonçalo, Centro Cultural Prefeito Joaquim Lavoura, Mitra Arquidiocesana de Niterói (responsável pelas paróquias gonçalenses), Jornal O São Gonçalo, Associação Comercial e Industrial de São Gonçalo, Instituto de Educação Clélia Nanci.



Paralelamente à pesquisa documental para a elaboração do Guia de Fontes, relacionamos e discutimos a produção bibliográfica sobre a História de São Gonçalo (LIMA, 1999). A constatação de sua escassez se, por um lado, reforçou o empreendimento anterior, estimulou-nos a uma nova empreitada: a construção de Histórias sobre São Gonçalo.

No curso da produção de ensaios de análise documental, realizados com alunos bolsistas do projeto *Analisando documentos sobre a história de São Gonçalo*, não só iniciamos uma reflexão mais sistemática sobre o que significava eleger o recorte do local, como também nos demos conta da riqueza dos potenciais de utilização pedagógica desse tipo de abordagem para o ensino da história.

Desse último encantamento, derivaram várias idéias que nos colocaram em contato com o professorado das redes pública e particular do Município. No ano 2000, resolvemos iniciar uma conversa com os professores das escolas gonçalenses. Tal diálogo, por sua relevância e possíveis desdobramentos, representava a corporificação de algumas das nossas funções:

- a) da Universidade, como locus de produção de saber, ao socializar tais conhecimentos, redimensionando-os sob a luz da complementaridade entre a excelência acadêmica e a apropriação/circulação dos mesmos nos espaços além muro da Faculdade;
- b) da Faculdade de Formação de Professores, ao estabelecer trocas com aqueles que, no seu cotidiano, elaboram e re-elaboram um saber fazer, um saber escolar próprio dos mestres-escolas;
- c) do Laboratório de Pesquisa Histórica, ao estimular o exercício da memória, aguçar a curiosidade acerca das marcas de um passado sempre presente, buscar conhecer a experiência pretérita lembrando uma parte do esquecido.

Ao mesmo tempo que esboçávamos o Curso de Extensão, começamos a discutir a elaboração de um manual didático sobre a história de São Gonçalo, que condense as narrativas originais elaboradas pelo projeto somadas às riquíssimas trocas produzidas nessa trajetória de contatos com os professores do ensino fundamental.

Ainda no ano 2000, elaboramos o projeto *Explorando a iconografia gonçalense*. Consideramos não ser mais possível imaginar que as histórias sobre São Gonçalo sejam exclusivamente elaboradas apenas por intermédio de discursos escritos. Por esse motivo, nos mobilizamos na busca de outros registros documentais; destacando entre eles, a fotografia.

Nesse sentido, realizamos uma exposição fotográfica intitulada **Imagens de São Gonçalo** (FIGUEIREDO, GONÇALVES e REZNIK, 2000). Esta, inaugurada em novembro do ano 2000 nas dependências da Faculdade, itinerou, durante o ano 2001, pela Prefeitura e por várias escolas municipais, em um projeto de parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo. Elencamos sete eixos temáticos cuja abrangência e relevância nos pareceram suficientes para nossa intenção de contar histórias de São Gonçalo por intermédio de imagens que, sobrepostas e interrelacionadas, apresentassem as interpenetrações entre passado e presente, o velho e o novo, no cenário que simboliza e identifica a sociedade gonçalense. Fazem parte do mapa conceitual os seguintes temas: “festas e comemorações”, “ruas e bairros”, “educação”, “trabalhadores”, “política”, “ícones” e “panorâmica”.

As imagens de São Gonçalo de outrora emocionaram tantos quantos tem visitado a Exposição Itinerante nas escolas<sup>1</sup>. Formamos outros olhares, formamos nossos olhares, treinamos estudantes que já realizam monografias com os métodos específicos da educação do olhar: uma nova maneira de conhecer, de extrair conhecimento, de recuperar memória. Ou por outra, instigamos a comunidade à educação patrimonial: guardar os vestígios, divulga-los, socializa-los.

A fotografia ampliou nosso diálogo: conversamos com a população, arregimentamos doadores interessados na preservação de um cadinho da sua identidade. O nosso acervo, hoje, já atinge quase mil fotografias, em grande parte doadas. A principal doação refere-se ao acervo Luiz Palmier, cerca de setecentas fotografias sobre a atuação dessa prestigiada liderança local dos anos 1920 aos 1950.

Em 2001, visando a pluralizar e enriquecer nossas pesquisas sobre a construção de identidades na região gonçalense decidimos abrir uma nova vereda na reconstituição histórica. Desta feita optamos trabalhar não apenas com testemunhos de mortos – documentação escrita e fotografias dos que já não estão aqui -, mas obter depoimentos dos vivos. Ao reavivar a memória de tempos longínquos, através de entrevistas com habitantes de São Gonçalo, estamos criando novos documentos.

Cada depoente nos fornece imagens de um São Gonçalo distante – tanto aspectos públicos: suas ruas, transportes, festas, brincadeiras, escolas; quanto a vida privada: o ambiente doméstico, a relação entre pais e filhos, o cotidiano. Em cada depoimento, lembranças específicas, compartilhadas ou não com pessoas das variadas gerações. As lembranças do passado são permeadas não apenas pelos valores individuais, como de resto todo e qualquer testemunho – escrito ou oral -, mas também



pela trajetória de vida do entrevistado. Ou seja, a memória sobre a infância é informada pela vida adulta.

Em síntese, nesses seis anos, entre 1996 e 2002, forjamos sucessivas ampliações: a) somos mais professores e mais alunos envolvidos; b) o poder público gonçalense se sensibilizou e aderiu ao projeto; c) os professores do ensino fundamental identificam no Laboratório de Pesquisa Histórica/FFP/UERJ uma referência para a sua atualização e para a troca de idéias e experiências; d) envolvemos, através da fotografia e da memória oral, a comunidade local, que atua não apenas como espectadora mas como produtora de memória; e) adquirimos reconhecimento na comunidade acadêmica através das constantes comunicações em simpósios e congressos; f) enfim o projeto hoje conta com várias ramificações: a pesquisa documental, a iconografia, a história oral, e os desdobramentos pedagógicos daí decorrentes.

Formando professores e pesquisadores na área de história, em uma faculdade situada em São Gonçalo, descobrimos pela prática fundamentada na constante reelaboração conceitual e teórica, que o recorte do local, nas suas interdependências com a micro-história, nos seus jogos de escalas, redimensiona as possibilidades de contar tantas histórias, na boa surpresa de descobrir outros efeitos de conhecimento e de crítica de nossas práticas e valores culturais.

### **3. Perspectivas teórico-metodológicas:**

#### *3.1. História local: outras narrativas e as (re)elaborações de identidades*

História de São Gonçalo, história local. Ao relevar a rede de relações interpessoais, redimensionando a narrativa para a descrição das vivências de homens e mulheres de carne e osso, na expressão de seu cotidiano, sublinhando os espaços locais, geograficamente delimitados nesta região das “bandas d'além”, dirigimos as nossas preocupações e a nossa escrita para os ventos historiográficos delimitados como micro-história.

Refletir sobre história local, no momento atual das produções e discussões historiográficas, nos remete necessariamente a uma interseção com a micro-história<sup>2</sup>. Segundo esse ponto de vista, enfoques sobre as histórias particulares de indivíduos, vilarejos, grupos específicos - entre instituições, associações e classes - passaram a ser privilegiados entre os objetos e objetivos dos que procuraram valorizar o “micro”. Mais do que uma diferenciação em termos de objetos de estudo, a micro-história definiu-se por escolhas metodológicas que hoje passam a ser mais problematizadas por seus realizadores, entusiastas e críticos.

Para Jacques Revel, ela deve ser encarada como um *sintoma historiográfico*, pois constitui-se, na prática, como uma espécie de reação contra certas metodologias e eixos conceituais consagrados por produções da história social dimensionadas pelo paradigma de uma inteligibilidade global do social, e centradas na confiança e na eficácia de uma abordagem macrossocial totalizadora.

O questionamento desses pressupostos, trouxe, entre outras contribuições, o ato de submeter certos recortes de análise até então consagrados pelos métodos de quantificação - a paróquia, o conjunto regional, a cidade, a profissão - a revisões do uso dessas categorias. Assim a preferência pela construção de séries, em particular na demografia histórica, onde somente a correlação de diversos dados isolados sustentaria análises sobre aspectos da vida social, veio a ser relativizada sob o prisma de valorização daqueles casos particulares e únicos (REVEL, 1998, pp. 16-19).

Revel acrescenta que a micro-história pautou-se na mudança das escalas de análise, com isso produzindo diferentes *efeitos de conhecimento*. Como no uso de uma lente objetiva, em fotografia, o enquadramento do objeto focado não se limita a mera ampliação ou redução do mesmo, mas a própria maneira de apresentar sua forma.

Nesse quadro de revisões e atualizações, insere-se a reflexão sobre o *local* enquanto circunscrição de espaços sociais de menores proporções se comparados a delimitações mais abrangentes como o nacional. Não podemos contudo conceituar o que é o local pela mera oposição com o nacional. No nosso entender, mais do que uma oposição, existe uma relação, discernível a partir das escalas de observação e recortes temáticos que informam o olhar do historiador. O local configura-se então como um recorte temático eleito pelo historiador a partir de uma escala igualmente construída por este.

Em parte devido às heranças de uma produção historiográfica oitocentista, o recorte priorizador do nacional estabeleceu-se como o campo de trabalho fundamental das tantas histórias que deveriam ser escritas em prol da cristalização, preservação e criação dos valores constitutivos das nacionalidades. Podemos afirmar que o sentimento de nacionalidade brasileiro, foi edificado sob os auspícios de um governo monárquico que, orientado pelo princípio da centralização e pelo temor da fragmentação



territorial, tornou-se um dos principais agentes interessados em apagar e soterrar memórias e referências de pertencimento marcadas por localismos e regionalismos. Nessa empreitada, a criação do Arquivo Nacional e, especialmente, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, durante as Regências, encabeçaram, emblematicamente, o conjunto de esforços institucionais no campo de produção de uma historiografia nacional.

No século XX, os esforços em tornar “brasileiros” todos os que vivem em “terras do Brasil” tornaram célebres as políticas públicas culturais do Estado Novo, do desenvolvimentismo nacionalista ou dos governos militares. Mesmo na esfera não estatal, durante o período da rápida inversão demográfica da população brasileira, entre os anos 1960 e 1980, a maior rede televisiva da época esforçou-se na elaboração de uma imagem de um Brasil urbano, moderno, nacional. (GONÇALVES, REZNIK e FIGUEIREDO, 2000; REZNIK, 2002).

Enganam-se, todavia, aqueles que julgam que a eleição de um local, sob a perspectiva de uma história local, implica uma simplificação do número de variantes e aspectos da trama social. O local, alçado em categoria central de análise, pode vir a constituir uma nova densidade no quadro das interdependências entre agentes e fatores constitutivos de determinadas experiências históricas então eleitas pela lupa do historiador. Nessa nova pintura, cada aparente detalhe, insignificante para um olhar apressado ou na busca exclusiva dos grandes contornos, adquire valor e significado na rede de relações plurais de seus múltiplos elementos constitutivos. (CHARTIER, 1994)

Em particular, consideramos a abordagem sob o recorte da história local um campo privilegiado de investigação para os diversos níveis em que se trançam e constituem as relações de poder entre indivíduos, grupos e instituições. Acreditamos também que é no traçado local dessas redes e efeitos de poder que conseguimos construir outras interpretações para os complexos processos de sedimentação de identidades sociais.

Acreditamos que justamente nesses campos mais circunscritos de construção das relações sociais é que se possam promover análises mais factíveis dos imbricados processos de sedimentação das identidades sociais, em particular dos sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns, no gosto de se sentir ligado a um grupo e não a outro. Pertencimento, por sua vez, associado a uma experiência coletiva a qual se soma também o valor de posse e controle sobre uma terra específica, lugar geográfico de uma territorialidade cuja existência material fundamenta o código de referências de uma mesma identidade social.<sup>3</sup>

Entendida genericamente como código de pertencimento e, nestes termos circunscrita ao campo dos valores que nos permitem conjugar o verbo ser, nas dimensões variadas e múltiplas de nossas relações individuais e coletivas, nossas identidades acabam funcionando como um passaporte garantidor de estadias entre grupos sociais, etnias, nações, comunidades políticas e intelectuais. (HALL, 1998)

O que julgamos importante no trato com esse conceito é a perspectiva de que toda e qualquer identidade, enquanto código de pertencimento depende da relação entre a experiência e o conhecimento derivado dela. Máxima gasta e por muitos repetida, ainda necessária: toda identidade é construída historicamente. A sedimentação de valores identitários, nesse sentido, depende de políticas da memória, através das quais o que é lembrado e o que é esquecido retroalimenta a preservação ou o deslocamento desses mesmos valores.

### 3.2. *Fotografia, memória e história*

A fotografia há muito figura entre os materiais iconográficos que, sob a marca de registros documentais, vem sendo crescentemente utilizada pelos historiadores de ofício. A história do século XX foi muitas vezes “escrita” pela fotografia. A popularização da mesma e a invenção do cinema sobrecarregaram de símbolos tudo aquilo que nossos olhos pudessem perceber. Essa hegemonia do ver, tão distinta da sonoridade narrativa do medievo europeu, impregnou o ato de olhar de uma variedade de tarefas e afazeres, em particular aquelas entrelaçadas aos exercícios da memória. Nesse tom, muitas vezes o visto transmutou-se no vivido, ou em esmaecidos testemunhos dos materiais imagéticos da memória.

Nesse turbilhão, onde cada vez mais a percepção do vivido, das experiências históricas individuais e coletivas se confunde com o que vemos, é que avaliamos e identificamos a importância de construir uma pedagogia do olhar em diálogo com uma prática inerente ao ofício do historiador, qual seja, a crítica documental. (GONÇALVES e REZNIK, 2001)

Com o advento da fotografia, no século XIX, surgiu também um novo meio de conhecimento do



mundo e, por outro lado, a sua enorme aceitação propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. No que se refere à nova possibilidade de conhecer, o homem passou a enxergar de modo mais preciso e amplo outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Ao serem documentados pelas câmaras dos fotógrafos do passado os costumes dos povos, como por exemplo, suas habitações, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos, o cotidiano do homem moderno se tornou em certa medida familiar.

Mais tarde, com a multiplicação da imagem fotográfica, através da via impressa, possibilitando que microaspectos do mundo passassem a ser cada vez mais conhecidos, através de sua cópia ou representação, iniciou-se um novo processo de conhecimento – o do mundo em detalhe. A invenção da fotografia propiciou também a possibilidade de autoconhecimento e recordação, de ampliação dos horizontes da arte, de documentação e denúncia dos inúmeros fragmentos desse mundo, dos seus cenários e personagens, dos eventos e transformações.

Enquanto possibilidade de documentação de uma certa realidade, Boris Kossoy nos instiga a pensar a fotografia enquanto um binômio indivisível: testemunho/criação. Ou seja, a fotografia é o produto final de um movimento que envolve desde o momento da seleção do fragmento do real a ser congelado pela atuação do fotógrafo, até a sua materialização iconográfica. Neste sentido, se o talento e o intelecto do fotógrafo influem nesse produto, assim também influenciam as técnicas e os processos físico-químicos utilizados na feitura do documento. No caso do fotógrafo, este participa como um filtro cultural, pois, qualquer que seja o assunto registrado ele, também, documentará a sua visão de mundo no conteúdo das imagens fotográficas. (KOSSOY, 1989; FIGUEIREDO, 2001)

Para o mesmo autor, a fotografia é, assim, um duplo testemunho: por aquilo que ela mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que informa acerca de seu autor. Deste modo, toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural (do seu autor), ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Pois, toda fotografia representa o testemunho de uma criação e, por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.

Tal compreensão permite situar a fotografia como uma mensagem a ser lida e que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento; tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado. Essa perspectiva tem alimentado inúmeros estudos no sentido da relação fotografia e história, havendo um certo consenso em distinções quanto ao objetos de investigação, que pode ocorrer tanto no plano da história da fotografia como no da história através da fotografia.

Essa segunda direção de estudos remete de imediato ao emprego da iconografia fotográfica do passado como instrumento de apoio à pesquisa em diversos campos do conhecimento. Especialmente à História, como fonte de conhecimento visual da cena passada e, portanto, como possibilidade de estudo desse passado ou resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-cultural.

Considerando não ser mais possível imaginar que as histórias sobre São Gonçalo sejam exclusivamente elaboradas apenas por intermédio de discursos escritos, a equipe envolvida com o Laboratório de Pesquisa Histórica da Faculdade de Formação de Professores, unidade regional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vem empreendendo esforços no sentido de utilizar outros registros documentais, destacando-se entre eles, a fotografia, como fonte que remetam estudos da história contemporânea do município de São Gonçalo.

### 3.3. História Oral

Se nos anos anteriores, o projeto privilegiou o levantamento e análise de fontes documentais já consolidadas – documentação escrita (manuscrita ou impressa) e fotográfica –, no ano de 2001 decidiu-se pela abertura de uma nova frente de trabalho: a obtenção de depoimentos de moradores do município, através do sub-projeto “História e Memória Oral: histórias de vida no município de São Gonçalo”.

Voltamo-nos para uma das mais profícuas vertentes da História do Tempo Presente: a História Oral, enquanto instrumento para criar novos conhecimentos acerca do passado próximo. Ao invés dos vestígios de mortos, depoimentos de vivos.

Ao falarem, os depoentes reconstituem cenários de suas vidas, são histórias de vidas individuais. Ativam o passado, lembram de fragmentos das suas experiências pretéritas. Selecionam e interpretam, pois o passado, não sendo mais palpável, acessível imediatamente, o é pela memória. Esta, já nos ensinaram, é um constante exercício de lembrança e esquecimento. Ativamos o passado sob as luzes, e os traumas do que vivemos desde então. Logo, a recuperação de acontecimentos, sentimentos e

valores, está atrelada ao apagamento de outros tantos. Mistura-se o que foi, com o que gostaríamos que fosse, conferindo sentidos à nossa experiência pretérita. Voltamos ao ponto de partida: toda memória é seleção, máxima que todo historiador experimenta no cotidiano de seu ofício. (POLLACK, 1989; BOURDIEU, 1996; THOMPSON, 1998; LE GOFF, 1985; MEIHY, 1998)

Toda memória é uma seleção individual, que se reporta à experiência e à significação de quem se lembra. Ela é elaborada a partir de vivências, valores, concepções, compartimentos compartilhados, isto é, a experiência individual é sempre remetida à convivência com outros, sejam quais forem esses “espaços” de sociabilidade. Toda experiência leva a marca de uma geração, do impacto que os acontecimentos, idéias e valores incidiram sobre aquele grupo determinado<sup>4</sup>. Memória individual e memória social se entrelaçam nesse conjunto de reminiscências da vida de cada interlocutor.

Ao entrevistarmos gonçalenses pretende-se observar aspectos públicos e privados da vida dos depoentes, permitindo-nos construir imagens diversas de São Gonçalo de acordo com experiências específicas. Almejamos refletir acerca das identidades elaboradas sobre a cidade/Município, dos afetos, das lembranças queridas, dos tempos dourados a ela referidas.

Ao fazê-lo, constituímos um conjunto de novos documentos – os depoimentos, história de vida de moradores em São Gonçalo. Esse conjunto documental novo ganha um duplo *status*: é material imediato para as pesquisas do núcleo “História de São Gonçalo”/FFP, para as nossas narrativas e hipóteses de trabalho, mas, é ao mesmo tempo, um **acervo permanente** aberto para pesquisadores, comunidade acadêmica, população em geral. Um acervo que se materializa na sua dimensão primeira – as fitas gravadas -, assim como nos outros suportes imediatamente realizados – impressos e digitalizados, para acesso pela rede.

## 4. Objetivos e metas

### 4.1. Pesquisas monográficas:

Nos últimos dois anos, após a elaboração do *Guia de Fontes* e a experiência laboratorial de escrita de pequenos textos a partir de alguns *corpi* documentais selecionados, resolvemos construir uma narrativa mais alinhada acerca do passado dessa região. Em outras palavras, voltamo-nos para narrar uma possível História de São Gonçalo. Entre 1999 e 2000, elaboramos uma História de São Gonçalo, entre os séculos XVI e XIX. Apesar da escassa documentação, foi possível narrarmos, com coerência e nexos entre as partes, facetas da experiência histórica dos que viveram nessa região. O conjunto de textos, somando cerca de cem laudas, foram utilizados como base para o **Curso de Extensão** para professores da rede fundamental, em 2000. Periodizamos aquela História nas seguintes unidades:

- 1) “Conquista e colonização”, onde se discute a posse da terra das bandas d’além (região oriental da Baía de Guanabara), pelos portugueses, em dois contrapontos: o primeiro, com a ocupação da Baía, especialmente no momento de fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; o segundo, na relação entre portugueses e nativos. A criação da Freguesia de São Gonçalo, em 1647, configura-se um acontecimento revelador daquelas tensões.
- 2) “Igrejas, capelas e fazendas – a sociedade mercantil escravista”. Enfatiza-se a expansão da colonização portuguesa, nos seus traços marcantes: a produção açucareira em bases escravistas e a expansão da fé católica, demarcando os espaços sociais.
- 3) “A boa sociedade gonçalense”, quer refletir sobre as sociabilidades entre o conjunto dos cidadãos gonçalenses, no século XIX. Os textos discutem temas como o modo de vida dos barões, em particular do Barão de São Gonçalo, suas incursões na vida política local e da Corte, assim como o olhar de estrangeiros, como Maria Graham e John Luccock, que aí estiveram, nessa época.
- 4) “A vila, a urbanidade e princípios civilizatórios”. Educação, saúde e polícia, na segunda metade do século XIX foram os temas dessa unidade. Em São Gonçalo, distrito de Niterói, começa a se esboçar agências do Estado, particularmente vinculadas à educação e ao policiamento, no sentido de controlar, organizar e civilizar aquele meio urbano.

Em 2001, iniciamos nossos estudos sobre a São Gonçalo republicana. A pesquisa tomou outros rumos. A documentação para o século XX é mais abundante e mais acessível, além de, é bom sublinhar, tratar-se de material pouco ou nada trabalhado e investigado pelos poucos pesquisadores que se dedicaram a narrar histórias de São Gonçalo. Em 2001 e 2002, decidimos investir nas seguintes linhas de pesquisa:

- 1) A centralidade do Bairro de Neves no processo de industrialização da região (anos 1920-40). Procurou-se observar as políticas públicas de urbanização da comuna. A pesquisa constatou intensidade da



vida – maior população e intervenção pública no que diz respeito ao tratamento das vias pública, à energia elétrica, aos transportes, entre outros - no bairro em detrimento da sede do município.

2) A vida política na democracia desenvolvimentista (anos 1950- início dos anos 60). Observamos uma intensa vida associativista e um imbricado jogo de relações entre associações e o poder público (seja ele municipal ou estadual). Por outro caminho, examinaremos o sistema político partidário: composição, propostas e valores, atuação parlamentar, eficácia eleitoral. Tomando como suporte a já vasta bibliografia acerca de partidos políticos no Brasil pós 1945, em âmbito nacional e estadual, pretendemos discutir os nexos entre aqueles e a atuação dos políticos – parlamentares e governantes – em São Gonçalo.

3) O crescimento urbano populacional e seu impacto na constituição da nova São Gonçalo: os loteamentos dos anos 50. Desde os anos 1940 até meados da década seguinte, o crescimento demográfico, via loteamentos de propriedades rurais era visto como símbolo do progresso urbano para os mais diversos atores políticos e sociais da localidade. As representações acerca desse fenômeno começam a se modificar em meados dos anos 50: surge a “cidade-dormitório”, o “caos urbano”, o “descaso” com os bairros populares.

4) A biografia de Luiz Palmier. Elegemos como personagem central deste momento, em São Gonçalo, o médico Luiz Palmier, que se projetou nos campos da educação e da saúde, tornando-se figura de referência na sua época e nos dias atuais. Os campos anteriormente mencionados faziam das suas lideranças construtores de um novo tempo, de uma civilização, de dirigentes do Estado e da sociedade. Palmier foi cultuado na imprensa, na Academia e no Parlamento. Através da biografia do mesmo pretendemos refletir acerca dessa São Gonçalo de outrora, ou seja, a constituição dessa municipalidade em consonância com a construção da modernidade varguista entre os anos 1920 e 1950.

Para o futuro pretendemos pesquisar Joaquim Lavoura, outra figura emblemática por sua projeção política – exerceu o cargo de prefeito em três mandatos. Constituiu uma liderança política nos anos 1960 e 1970. Por sua forma muito específica de se relacionar com a população – um jeito matreiro, “simples” e direto -, e pela herança que ainda hoje é reivindicada, pretendemos investigar a “invenção do lavourismo”.

5) A Associação Gonçalense de Estudantes (AGE), organização que, durante duas décadas (anos 50 e 60), congregou os estudantes da localidade, empreendendo atividades políticas e culturais.

Essas pesquisas, além de servirem de base para os Cursos de Extensão para professores da rede de ensino na localidade, têm sido apresentadas em diversos seminários, tais como as *Semanas de Iniciação Científica* da UERJ, a *Semana de Graduação* da UERJ, a *VII Semana de História* da FFP/ UERJ. Algumas delas estão se transformando em monografias de conclusão do Curso de História, em 2002.

#### 4.2. Iconografia

Visando ampliar suas atividades no âmbito institucional, o Laboratório de Pesquisa Histórica propôs, no ano de 2000, o projeto “*Explorando a Iconografia Gonçalense: Fotografia e História*” em parceria com o Departamento de Educação.

Concretizamos a primeira etapa desse projeto, em novembro de 2000, na forma da Exposição “*Imagens de São Gonçalo: Fotografia e História*”, que permaneceu no hall do auditório da Faculdade de Formação de Professores durante os meses de novembro e dezembro recebeu mais de mil visitantes.

Em 2001, o projeto tomou um rumo mais permanente numa perspectiva que denominamos de **educação patrimonial**. Trata-se da conjugação de várias ações que objetivam: a) sensibilizar a população para o valor da documentação iconográfica; b) armazenar em um banco de dados digital fotografias da cidade e da sua população, no século XX; c) educar os olhares, especialmente dos estudantes de escolas, para a leitura de imagens.

Desde então, para desenvolver essa perspectiva planejamos diversas ações:

1) **Itinerância da Exposição Imagens de São Gonçalo**: estabelecemos uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, possibilitando a itinerância da Exposição pelo Centro Cultural Prefeito Joaquim de Almeida Lavoura e pelas escolas-pólo da rede. Em cada escola que recebeu a exposição houve uma preparação de sua chegada para que esta não fosse apenas um montante de belas imagens a serem observadas. Mantivemos reuniões com o corpo discente da escola, em cada turno, para sensibilizá-los para a proposta pedagógica da mostra. Nestas reuniões a equipe do projeto apresentava os seus objetivos pedagógicos e no que tange a preservação da memória gonçalense. Deixamos em cada escola o *Catálogo da Exposição*, elaborado no ano anterior, e o *Caderno Pedagógico*, elaborado especialmente para sintetizar a proposta didático pedagógica do grupo, servindo para a



instrumentalização do trabalho com a exposição. Durante a permanência dos plôters na escola voltávamos mais duas vezes para avaliar a recepção do material exposto e distribuído. Nestes retornos gravamos depoimentos de professores e visitantes.

2) **Campanha de empréstimo de fotos.** Com o apoio da Comunicação Social (COMUNS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro planejamos uma campanha publicitária; para empréstimo de fotografias com vistas à digitalização, que foi noticiada pelos jornais “O Dia”, “O Fluminense”, “O São Gonçalo”, “Nosso Jornal” e o “UERJ em dia”. A campanha também foi incrementada nas diversas escolas por onde passou a Exposição.

3) **Caderno pedagógico** – Imagens de São Gonçalo: Fotografia e história. Publicação que foi doada às escolas com objetivo de apoiar os professores na dinamização de atividades com o material exposto. Contém um ensaio focalizando aspectos históricos de São Gonçalo através da análise das imagens em exposição, de autoria de Rui Aniceto Nascimento Fernandes, um conjunto de 20 (vinte) atividades para uso de professores e estudantes em visita ao evento e, nota biográfica de dois fotógrafos gonçalenses, cuja pesquisa ampliou nosso olhar para a busca de outros profissionais que perenizaram momentos da vida gonçalense.

4) Criação de um **Banco de dados digitalizados**, que armazenará e arranjará toda a documentação iconográfica, além de permitir a sua disseminação pelo universo dos pesquisadores. Pretendemos dar acesso ao acervo digitalizado na própria, e, através de uma *home-page*. Menção especial deve ser feita quanto à *Coleção Luiz Palmier*, que contém cerca de 600 (seiscentos) registros fotográficos do influente intelectual gonçalense falecido em 1955, e que foi doada ao Laboratório de Pesquisa Histórica por sua filha Olga Benevides Palmier Teles.

5) **Educação patrimonial em parceria com a Secretaria de Educação do Município.** Duas ações estão sendo projetadas. Em primeiro lugar, dar continuidade ao “Caderno Pedagógico”. Além da elaboração de ensaios analíticos com os registros fotográficos disponíveis no Laboratório de Pesquisa com vistas a socialização junto aos professores da cidade de São Gonçalo, daremos continuidade à construção de atividades pedagógicas para uso do professor em sala de aula. Em segundo lugar, pretendemos potencializar as imagens por nós custodiadas. Escolheremos dez fotografias significativas do Acervo Luiz Palmier e reproduziremos para as escolas municipais. O nosso esforço de produção pedagógica se concentrará, em grande parte, junto a essas **pranchas fotográficas**.

#### 4.3. História Oral:

Nossa primeira hipótese de trabalho – a elaboração de identidades acerca do Município/região gonçalense – levou-nos a projetar entrevistas com dois grupos de idosos: “históricos” e “migrantes”. Com os primeiros, nascidos e criados nos bairros mais tradicionais da cidade, intentamos explorar memórias sobre um outro São Gonçalo, com menos de cinquenta mil habitantes, época em que se tornou conhecida por ser pólo industrial do Estado, a “Manchester Fluminense”. Nestas entrevistas recuperamos parte da vida em família, do bairro, das festas populares, a memória dos meios de transporte, lazer, educação, entre outros aspectos da vida cotidiana e dos valores que informavam a existência destes personagens em outras épocas.

O último grupo se caracteriza pelos moradores que vieram de outros lugares, estabelecendo-se na cidade em um momento de sua vida juvenil ou adulta. São os que vieram ocupar as novas regiões, loteadas a partir da década de 1950, mormente nos anos 60 e 70 do século passado, áreas que hoje concentram parcela expressiva dos quase um milhão de habitantes do Município. Preocupou-nos o processo de transferência das famílias, as perspectivas e vicissitudes enfrentadas nesse novo lugar, na construção dos novos bairros e seu impacto sobre essas histórias de vida.

A entrevista piloto foi realizada com D. Aída de Souza, em dois encontros; um no dia 25 de junho e outro em 2 de julho de 2001. D. Aída é figura pública na cidade – pertence, de longa data e por tradição familiar, aos círculos intelectuais e de poder, foi a primeira vereadora da comuna, e teve uma longa trajetória no magistério (como docente, discente, e administrativamente; na rede pública e privada de ensino).

Todo o processo de preparação das entrevistas (contato com o futuro entrevistado, para ciência de sua disponibilidade de participação no projeto e marcação de data e local de entrevista; levantamento de dados biográficos; elaboração do roteiro da entrevista) e de sua edição (em um primeiro momento, “limpa-se” o depoimento, retirando os vícios de linguagem e as repetições desnecessárias; em seguida, tematiza-se a entrevista, dividindo-a em partes) foi realizado pela professora coordenadora e pelos alunos bolsistas, configurando-se um intenso aprendizado na metodologia de História Oral.





Os resultados das discussões teórico-metodológica, desenvolvida pelo grupo, e das primeiras entrevistas foram divulgados na Semana de Graduação/UERJ (2001), no Congresso Brasileiro de História Oral (2002) e na Mostra de Extensão/UERJ (2002).

Ao todo são 12 depoimentos.

#### 4.4. Desdobramentos pedagógicos

Esforçamo-nos em manter estreito contato com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo (SMESG), responsável por mais da metade do ensino fundamental, no Município. Apoiado por ela levamos à frente o Curso de Extensão, realizado em 2000, e a itinerância da Exposição *Imagens de São Gonçalo*, em 2001.

Em 2002, estabelecemos as seguintes metas, como desdobramentos pedagógicos do projeto:

1) **Curso de Extensão.** Neste ano, a SMESG está financiando a realização do curso “Contando Histórias de São Gonçalo: um diálogo entre a Universidade e os mestres-escola”. Com a duração de 25 horas, divididas em dez aulas, tem, como público alvo, professores das primeiras séries do ensino fundamental. Os coordenadores do projeto serão os responsáveis pelas aulas, sendo que algumas delas ficarão a cargo de três ex-bolsistas da equipe, que hoje são professores e mestrands em História.

2) **Pranchas Fotográficas.** Ensinar com imagens tem sido um dos férteis caminhos em que nos embrenhamos nos últimos tempos. Selecionaremos dez fotografias significativas e as reproduziremos para as escolas da rede municipal. Junto a elas, elaboraremos um caderno pedagógico discutindo as suas utilizações na sala de aula.

3) **Manual didático.** Desde o início vislumbramos a elaboração de um manual didático narrando as Histórias de São Gonçalo como meta síntese das nossas pesquisas. Dado o volume de material acumulado, de pesquisas já realizadas e das trocas já desenvolvidas com os professores das escolas municipais, entendemos estar maduros para essa empreitada.

#### 5. Considerações finais

Pesquisa, ensino, extensão. Há seis anos estamos perseguindo esses objetivos. Lotados na Unidade da UERJ em São Gonçalo, percebemos a potencialidade de diálogo criativo em torno do nicho temático que nomeia o projeto.

Estabelecemos, desde o início, diversos diálogos como metas para o projeto. Diálogos com a academia e nossos pares, através da pesquisa e dos seus resultados, expostos em congressos e seminários, além da produção do *Guia de Fontes para a História de São Gonçalo*. A construção de uma *home-page*, assim com a conservação e digitalização dos acervos iconográfico e do jornal São Gonçalo, além da continuidade das pesquisas acerca de São Gonçalo contemporâneo, em qualquer um dos três subprojetos, expressam a manutenção desse diálogo.

Ultrapassamos, no entanto, as fronteiras da Universidade. Buscamos os grupos locais, e, dentre eles, especialmente, a comunidade escolar – professores e alunos. Nossa intenção é estabelecer novos diálogos: fazemos da difusão dos nossos produtos um momento de reelaboração dos mesmos. Aprendemos, através dos cursos de extensão, na itinerância da Exposição e na conversa com os mestres-escola, a reconhecer a dimensão dos nossos produtos, a constatar os conteúdos identitários, a dimensionar a potencialidade da memória; enfim, nessa troca, tornamo-nos outros, assim como damos nova vida aos produtos, reconfigurando-os, especificando com maior precisão a sua atualidade.

#### Notas

<sup>1</sup> A itinerância nos induziu à preparação de um material específico que servisse como um guia para os professores. Ver FIGUEIREDO, 2001. Texto apresentado e laureado com o prêmio da 6ª mostra de extensão da UERJ.

<sup>2</sup> Conceito imputado a historiadores italianos - Carlo Ginzburg e Giovanni Levi - fundadores da revista intitulada *Quaderno Storici*, e diretores da coleção *Microstorie*, publicada pela Editora Einaudi, na década de oitenta, a micro-história acabou por adquirir *status* de variante, com contornos muito próprios, entre os caminhos até então trilhados por autores afinados com a construção de uma história social e cultural centrada em escalas mais circunscritas de análise das relações sociais. Cf. Jacques Revel. “Microanálise e construção do social”. IN: REVEL, 1988, p.16. Ver também LEVI, 1992, p. 135.

<sup>3</sup> Ver o rico mapeamento sobre as atuais discussões nas ciências sociais acerca do *status* da “localidade”



como construtora de sentidos para a existência, no livro de BOURDIN, 2001.

<sup>4</sup> Para pensar o conceito de geração como um grupo restrito da comunidade nacional, impactado por certos acontecimentos fundadores, ver SIRINELLI, 1996.

### Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. IN: *Estudos históricos*. Vol. 7, n. 13. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

FIGUEIREDO, Haydée (coord.). *Caderno pedagógico*. São Gonçalo: Laboratório de Pesquisa Histórica/FFP/UERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Educando o olhar: a imagem fotográfica. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, realizado em João Pessoa, 2001. (mimeo.)

GONÇALVES, Marcia de Almeida; REZNIK, Luís e FIGUEIREDO, Haydée. Entre moscas e monstros: construindo escalas, refletindo sobre história local. IN: *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História*. Ijuí: Ed. Unijuí. 2000.

\_\_\_\_\_. *Imagens de São Gonçalo*. Fotografia e História. Rio de Janeiro: laboratório de Pesquisa Histórica/FFP : SR-3/UERJ, 2000.

GONÇALVES, Marcia de Almeida e REZNIK, Luís (orgs.). *Guia de fontes para a História de São Gonçalo*. São Gonçalo: UERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. História e fotografia: uma pedagogia do olhar. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, realizado em João Pessoa, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KOSSOY, Bóris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. Memória. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. IN: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

LIMA, Sandra Mara Silva de. Nos caminhos de Homero: entre memórias e Histórias. Um ensaio sobre a historiografia gonçalense. IN: GONÇALVES, Marcia de Almeida e REZNIK, Luís (orgs.). *Guia de fontes para a História de São Gonçalo*. São Gonçalo: UERJ, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. IN: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. Nº 3. 1989/1.

REVEL, Jacques (org.). *Jogo de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local. Texto apresentado V Taller Internacional de Historia local y regional, realizado em Havana, Cuba, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SOARES, Rosa Leonora Salemo. Pesquisa e extensão – atividades dissociadas? IN: *Interagir: pensando a Extensão*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 15-16, agosto 2001.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. *História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.